

**A RELAÇÃO DIALÓGICA E A EFETIVIDADE DA PRÁTICA DOCENTE****LA RELACIÓN DIALÓGICA Y LA EFICACIA DE LA PRÁCTICA DOCENTE****THE DIALOGICAL RELATIONSHIP AND THE EFFECTIVENESS OF  
TEACHING PRACTICE**

**Ilcilene Antonia Lourenço Dias  
Eliane Alves Freires  
Ademárcia Lopes de Oliveira Costa**

**RESUMO**

Autor brasileiro, Paulo Freire foi um grande pensador da pedagogia mundial que influenciou o movimento da pedagogia crítica libertadora. Suas obras, foram diversas, as quais convida o homem, expresso por ele como sujeito, a não conformar-se com a realidade em que vive. Exprime em suas obras a convicção de que nutrido por uma relação dialógica o sujeito pode transformar sua realidade. Tem-se como objetivo identificar os benefícios da relação dialógica na prática docente, a partir das concepções apresentadas em duas obras freirianas, a Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa e a Pedagogia do Oprimido. Os resultados demonstram que uma prática docente eficiente ao processo de ensino, deve ser pautada em uma relação de diálogo entre discentes e docentes, em que o docente mesmo assumindo uma postura de mediador da aprendizagem, permeia o diálogo, fomentando a participação dos discentes, contribuindo para sua educação integral. Conclui-se que a prática docente pode trazer benefício ao aluno a partir dos saberes que este constrói no meio social, quaisquer que sejam, saberes que confrontados na sala de aula pela interação discente-docente, reverbera no processo de ensino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialogicidade. Prática Docente. Relação Docente-Discente.

**ABSTRACT**

Brazilian author, Paulo Freire was a great thinker of world pedagogy who influenced the movement of liberating critical pedagogy. His works were diverse, which invite the man, expressed by him as a subject, not to conform to the reality in which he lives. In his works, he expresses the conviction that, nourished by a dialogical relationship, the subject can transform his reality. The aim is to identify the benefits of the dialogical relationship in teaching practice, based on the concepts presented in two Freirian works, the Pedagogy of Autonomy: Necessary Knowledge for Educational Practice and the Pedagogy of the Oppressed. The results show that an efficient teaching practice in the teaching process must be based on a relationship of dialogue between students and teachers, in which the teacher, even assuming a mediator of learning posture, permeates the dialogue, encouraging the participation of students, contributing for your integral education. It is concluded that teaching practice can benefit the student from the knowledge that he builds

in the social environment, whatever it may be, knowledge that is confronted in the classroom by the student-teacher interaction, reverberates in the teaching process.

**KEYWORDS:** Dialogic. Teaching Practice. Teacher-Student Relationship.

## **INTRODUÇÃO**

Em dezenove de setembro de 1921, na cidade de Recife, capital do Estado brasileiro pernambucano, nasceu Paulo Freire. Célebre educador, viveu 76 anos e teve reconhecimento internacional. Esse reconhecimento não se deu somente por ter atuado no campo educacional, mas, principalmente por suas ações se pautarem intrinsecamente em causas políticas-sociais. De uma forma incansável, lutou por uma educação que mudasse a realidade social dos desfavorecidos. Nesse intuito, o autor escreveu diversas obras que influenciaram não apenas a forma de se pensar a educação brasileira, mas, do mundo.

Freire nutria naturalmente a verdade de que diálogo traria liberdade aos homens. Por esse viés o presente artigo tem como objetivo identificar os benefícios da relação dialógica na prática docente, a partir das concepções apresentadas em duas obras freirianas, a *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* e a *Pedagogia do Oprimido*.

Trata-se de um estudo realizado por meio de uma revisão bibliográfica, corroborando com a compreensão de Marconi e Lakatos (1992), por expressar que esse tipo de estudo, permite o pesquisador se apropriar do material já publicado, manipulando as informações nele contida, desse modo procedeu-se com as duas literaturas mencionadas.

Na obra *pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*, Freire (2019) traça saberes que são “exigidos” dos educadores para ensinarem seus alunos. Pontuando esses saberes, como um exímio autor da pedagogia crítica, Freire (2019) apresenta três capítulos, denominados: Não há docência sem discência; ensinar não é transferir conhecimento; ensinar é uma especificidade humana. Nove exigências são proferidas em cada capítulo, ambas, objetivando promover o desenvolvimento integral do discente.

O objetivo maior da *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 2016) é trazer a consciência àqueles que querem libertar-se de situações de opressão, a superação da tradicional alienação: opressor-oprimido, nos capítulos iniciais o autor exprime essa ideia. No

terceiro capítulo, a dialogicidade é demonstrada, como a essência da educação como prática da liberdade; no quarto, pontua a teoria da ação antidialógica, uma ação que em nada contribui para o processo revolucionário que conduza a liberdade. A proposta de dialogicidade para o discente, não é de expectador da aprendizagem, é sim, de partícipe do processo educativo, sendo de fato, sujeito do conhecimento, visto que a educação não se volta **para** o discente, mas, **ao** discente.

O texto está organizado em quatro seções, a introdução, ora exposta, traz um breve histórico sobre a vida e a obra do autor, o objetivo do trabalho e uma breve síntese sobre cada seção.

O referencial teórico será discutido em duas seções: Prática educativa segundo Freire e A relação dialógica efetivadora da prática docente. A primeira, apresenta a concepção freiriana sobre prática docente, aspectos conceituais e a postura requerida ao professor que se propõe ensinar/aprender certo. A segunda, trata da importância da relação dialógica para uma prática docente coerente a uma proposta libertadora da educação.

Mostrar-se-á, a preponderância da relação dialógica sob a antidialógica, para discutir-se os resultados. Serão pautados em duas subseções a saber: Benefícios da relação dialógica para a prática docente e os prejuízos de uma relação antidialógica para o processo de ensino. A primeira subseção emerge um discurso da importância da ação dialógica entre alunos e professores, onde ambos são convidados a aprender. A subseção seguinte, apresenta o oposto a uma ação dialógica. Características de dominação são pontuadas como podadoras de uma educação para a prática da liberdade.

Enfim, o estudo propõe sobre essa “pedagogia humanizadora”, descrita por Freire (2016), uma prática docente que não veja no método uma forma de manipulação dos discentes, mas, que esse método seja estimulador da consciência crítica de discentes e docentes.

## **1 PRÁTICA DOCENTE SEGUNDO FREIRE**

Freire (2019) enxerga o ato de ensinar como uma arte, que exige processos previamente organizados para a construção de novos saberes que se constituem coerentemente. O autor é enfático em afirmar que a arte de ensinar, não se refere a transmissão de conhecimentos, mas, da partilha que se faz junto ao aluno.

A prática docente, nesse sentido, necessita do desvendamento de novidades, de realidades e possibilidades direcionadas ao aluno. O objetivo é torná-lo questionador da realidade em que está inserido. Em sua obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Freire (2019) afirma ser inadmissível uma prática educativa em que o ensino não vise os aspectos: gnosiológico, ideológico e político. Daí a importância do professor ter uma posição clara e crítica ante o cognoscível.

Levando em consideração que o sujeito consciente, mantém relação permanente com a realidade para a construção de novos conhecimentos que lhe permita adaptar-se ao meio em que está inserido, a prática docente, segundo Freire (2019), deve levar o aluno a formular conceitos, uma vez que aprende a partir de uma realidade para a atuação social. A curiosidade e a inquietude são fatores que impulsionam o desejo de transformação da realidade.

O aluno aprenderá criticamente, se o ensino a ele disponibilizado estiver sob a rigurosidade metódica, o que difere da educação bancária, em que o professor é o detentor do saber e transmite um conhecimento para que o aluno memorize e reproduza a realidade, vista sob a ótica do professor. Conforme Freire (2019, p. 28):

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis.

Vê-se no exposto, a importância de uma prática docente que apresenta duas facetas para a aprendizagem: a primeira, demonstra que o princípio para uma aprendizagem efetiva é a motivação que impulsiona o aluno a buscar o conhecimento, que é a curiosidade. Curiosidade que rejeita qualquer forma de submissão. A segunda, a autocrítica, ação, oriunda dos conhecimentos solidificados que foram precedidos do “aprender certo”<sup>1</sup>.

Contudo, o ensinar nessa perspectiva pressupõe que o professor seja sempre aprendiz do processo. Refaça seus conceitos, reorganize suas práticas, convicções ideológicas e políticas para ministrar o conteúdo que seja de fato, significativo a vida do aluno. Quanto a isso, Freire (2019, p. 31-32) questiona:

---

<sup>1</sup> Aprende-se certo na concepção de Freire (2019, p. 30) quando nos é possibilitado, “conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente”

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos?

Respeitar os saberes que os alunos possuem, porém, ir além: “discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (FREIRE, 2019, p. 31). Cabe ao professor utilizar-se do bom senso dito por Freire (2019), em que a autoavaliação seja uma constante na sua prática. Autoavaliar-se com “bom senso”, assim poderá ser advertido sobre seus feitos e necessários reparos desses feitos. Desse modo:

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 2019, p. 62).

Nessa perspectiva, um ensino em que as ações docentes apresentam contradição em relação ao discurso de sala de aula e a realidade vivida pelos alunos tem-se um ensino incoerente. Essa incoerência no ato de ensinar, não se refere apenas a realidade vivida pelos alunos, mas também, pelo próprio professor, ou seja, o discurso deve ser coerente com a prática em que o seu posicionamento moral, ético, político e social, precisa estar em consonância com a prática exercida na sala de aula.

Para tanto, importa mencionar, a interação existente entre aluno e professor, denominado por Freire (2019) de ciclo Gnosiológico, a do-discência (conceito que expressa a mutualidade inseparável entre o educador e o aprendiz no processo de ensinar-aprender). Conforme Freire (2019, p. 25), “Não há docência sem discência, às duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

São dois os momentos expressos nesse ciclo: o primeiro, momento de ensino e aprendizagem do conhecimento consolidado e o segundo, o momento de trabalhar a produção do conhecimento ainda não produzido. Dado exposto, compreende-se que as práticas da do-discência (docente-discente) e da pesquisa são extremamente importantes

nestes dois momentos do ciclo, tanto individual (autorreflexão) como compartilhada (na coletividade). Para Freire (2016, p. 77-78):

Educador e educandos (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento.

Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes.

Vê-se uma prática docente segundo a perspectiva apresentada por Freire (2019). Importante mencionar que essa prática, deve ser pautada na ética, na coerência, na realidade em que os discentes e os docentes vivem. A proposta dessa prática é que seja facultado um “aprender certo”, essa que é uma condição imprescindível ao aluno que deseja transformar sua realidade e seu entorno. Contudo, esse modelo de ensinar/aprender carece de uma relação dialógica entre discente e docente, essa temática será discutida na próxima subseção.

## **2 A RELAÇÃO DIALÓGICA EFETIVADORA DA PRÁTICA DOCENTE**

A expressão “educação problematizadora” proferida por Freire (2016) conduz uma reflexão sobre uma educação dialógica capaz de libertar os homens das cadeias da marginalização que na maioria das vezes por diversos fatores, são/estão imersos. Na perspectiva do autores, em uma relação dialógica, a palavra surge com duas dimensões importantes: ação e reflexão. Essas duas dimensões pronunciam o mundo e ao pronunciá-lo o problematizam e problematizando-o, podem transformá-lo. Ainda para o autor, a perda da interação entre a ação e a reflexão leva o diálogo para diferentes resultados: ao se opor a ação, a palavra se transforma em apenas falácia, sem reflexão, essa palavra se transforma em ativismo.

Segundo Freire (2016), a dialogicidade, o diálogo e a palavra se atuados (ação) e refletidos, transformam o ato de aprender/ensinar problematizador, conduzindo a prática docente, para a efetivação de uma educação libertadora. Uma educação que nutre o homem do desejo de existir e transformar sua realidade, pois, “Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles, novo pronunciar” (FREIRE, 2016, p. 108).

Neste momento, se faz importante esclarecer os conceitos de dialogicidade, diálogo e palavra. Segundo a concepção freiriana, a dialogicidade é a capacidade de dialogar, sendo este, sua essência; o diálogo é uma fala em que há a interação entre dois ou mais indivíduos, a conversa propriamente dita e tem sua essência na palavra. “A palavra, como comportamento humano, significante do mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as” (FREIRE, 2016, p. 26).

O diálogo inicia-se na busca pelo conteúdo que será tratado, esse conteúdo não deve ser imposto, mas advir dos anseios intrínsecos nos discentes, seus pontos de vista, suas dúvidas e expectativas. O dissertar de conteúdos por parte do docente

[...] são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la (FREIRE, 2016, p. 79-80).

Nesta perspectiva, o conteúdo a ser tratado deve ser libertador, combinado a partir de situações reais e significativas ao aluno. Não deve ser imposto, ou informações a serem depositadas aos alunos, pois, o diálogo segundo Freire (2016, p. 109), só acontece, quando a palavra é dita com o outro e “mediatizados pelo mundo”.

Em uma prática docente mediatizada pelas questões levantadas em sala de aula, o docente organiza assuntos assinalados pelos próprios discentes, que problematizados, serão significativos a vida dos mesmos e de sua comunidade.

A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham.

Se, de fato, não é possível entendê-los fora de suas relações dialéticas com o mundo, se estas existem independentemente de se eles as percebem ou não, e independentemente de como as percebem, é verdade também que a sua forma de atuar, sendo esta ou aquela, é função, em grande parte, de como se percebam no mundo (FREIRE, 2016, p. 100).

A educação como prática de liberdade, respeita “o direito do aluno de indagar, de duvidar, de criticar que “falo” desses direitos. A minha pura fala sobre esses direitos a que não corresponda a sua concretização não tem sentido” (FREIRE. 2019, p. 93).

Observando por essa ótica, pode-se afirmar que a atividade prática realizada na interação discente e docente é uma práxis, pois, “não há palavra verdadeira que não seja práxis” (FREIRE, 2016, p. 107). Por ser um dos sujeitos da práxis, o docente, no

desenvolvimento de sua prática docente não pode negar seu papel de sujeito. A superação de práticas bancárias que algumas vezes, ainda são arraigadas nos cotidianos escolares, precisa ser uma tomada de atitude para mediatizar a aprendizagem de qualidade, de todos os alunos, resultando no processo de humanização desses sujeitos (FREIRE, 2016).

### **3 A PREPONDERÂNCIA DA RELAÇÃO DIALÓGICA SOB A ANTIDIALÓGICA**

Para este estudo, foram usados como revisão bibliográfica duas obras de Freire, as quais permitem uma visão elucidativa sobre alguns conceitos sobre a relação dialógica entre discentes e docentes para a efetivação da prática docente, bem como, os prejuízos provenientes de uma prática antidialógica. As obras nominadas: *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2019); e *Pedagogia do oprimido* (2016), possibilitaram a discussão das duas subseções seguintes.

#### **3.1 BENEFÍCIOS DA RELAÇÃO DIALÓGICA PARA A PRÁTICA DOCENTE**

Inicia-se essa subseção com o exposto: “de nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças” (FREIRE, 2019, p. 12). O autor convida-nos a assumir uma postura crítica contra as práticas inumanas.

O chamado as práticas humanizadoras, tem na *Pedagogia da autonomia* saberes pontuados com “necessários a prática educativa”. Dentre tantos saberes, destaca-se a “disponibilidade para o diálogo”. Ao propor o termo “disponibilidade” Freire (2019), não insinua que o docente será sujeito “aos querer” dos alunos, que os discentes por si, só conduzirão o processo de ensino. Pelo contrário, sugere que esse docente, denominado por ele de educador, necessita ter a sabedoria de abrir-se para o diálogo. Precisa utilizar-se de seus conhecimentos práticos e experienciais para trazer para a sala de aula, conteúdos relevantes para a discussão com a turma.

O autor destaca que, o reconhecimento das diferenças dos alunos, de seus distintos saberes darão suporte a uma prática transformadora. A coerência entre o fazer e o dizer permitirá a solidez do encontro entre aluno e professor, consentindo um ensino consistente e integral, que alicerça o processo de aprendizagem em construção.

Como seres inconcluso, discentes e docentes devem estar disponíveis ao diálogo e a sociedade em que estes estão inseridos. Na ação dialógica é possível responder às

inquietações e curiosidades de ambos. Para Freire (2019, p. 133) “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconcluso em permanente movimento na história”.

Visto como uma arte, o ensino objetiva revelar “verdades escondidas”, na sociedade como um todo. Exemplo disso, utilizar informações reveladas nos meios de comunicação para desmistificar os por quês de suas atuações, o que de explícito e implícito estão impressos, nas mensagens destes recursos. Como indica Freire (2019, p. 136) “não apenas não podemos desconhecer a televisão, mas devemos usá-la, sobretudo discuti-la”.

Na obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2016, p. 108) afirma que “o diálogo é uma existência existencial”. Na relação dialógica no contexto da sala de aula, discentes e docentes, numa “relação horizontal”, podem, solidarizarem seus achados. As ideias de um, não serão depositadas nos outros, tampouco, torna-se um falatório.

A prática pedagógica do docente dialógico é realizada em “equipe interdisciplinar” a partir de assuntos acordados na investigação. De acordo com Freire (2016) colhe-se a temática e problematiza-a. Nessa perspectiva, o docente não disserta suas concepções, dialoga com o aluno e ambos estabelecem suas próprias convicções.

Freire (2019, p. 47) recomenda, que o docente esteja aberto para o diálogo: “a indagações, à curiosidade, às perguntas, dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquiridor em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento”. Nota-se, que na teoria de uma educação libertadora, considerando que o processo de formação do homem nunca finda, ao professor não é dado o direito de ser autossuficiente, de vê-se como transmissor de conhecimento, portanto, detentor de saber.

Na visão de Freire (2016, p. 112), a autossuficiência não tem compatibilidade como uma proposta dialógica, pois “não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais”. Segundo o autor, a relação dialógica, requer a crença no outro. Considera um dado a priori do diálogo, a fé nos homens. Acreditar que os homens são capazes de promoveram a transformação social, sejam quais forem as situações que esses homens vivam.

Assim, Freire (2016, p. 113), ver a confiança como fazedora de “sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo”. Uma confiança que não pode falhar, se o fizer, como o próprio autor registra, “o diálogo é uma farsa. Transforma-

se, na melhor das hipóteses, em manipulação adocicadamente paternalista” (FREIRE, 2016, p. 113).

O exposto se refere a concepção bancária da educação, em que o pensar crítico e conseqüentemente os aspectos comunicacionais inexistiam. A relação antidialógica trazia prejuízos extremamente irreparáveis ao ensino e distanciava o homem da verdadeira educação. A próxima seção versará sobre essa temática.

## 2.2 OS PREJUÍZOS DE UMA RELAÇÃO ANTIDIALÓGICA PARA O PROCESSO DE ENSINO

Sabe-se que a educação escolar, historicamente é permeada pela imposição de valores dominantes, os quais rechaçam a relação dialógica, visto que essa relação conduz a liberdade do indivíduo, e este pode revolucionar em prol de sua própria vida e de uma sociedade melhor. Pode parecer redundante a afirmação contida na citação abaixo, contudo, faz-se necessário ratificar sobre a práxis, se faz em uma relação recíproca, entre discente e docente.

Mas, se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação (FREIRE, 2016, p. 167-168).

O exposto, assinala para a necessidade da ação dialógica no processo de ensino. Complementando, Freire (2019, p. 25) argumenta que “não há docência sem discência” tanto a uma, quanto a outra se explicam. O autor compreende que, alunos e professores (os sujeitos), apesar de suas diferenças, sejam de aprendizagem, condição social, (causas, endógena e exógenas), “não se reduzem a condição de objeto, um do outro” (p. 25).

Uma prática docente realizada de forma unilateral, não é uma prática com crivo revolucionário, tampouco, uma práxis revolucionária, o que poderá trazer prejuízos para o processo de ensino, inicialmente, por esse ensino não respeitar o conhecimento que os alunos possuem. E mister ouvir o outro, para que o processo de aprendizagem aconteça. Na concepção de Freire (2019, p. 111) “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. [...]. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”.

Na perspectiva freiriana, falar ao aluno se difere de falar com ele. No primeiro caso, temos uma prática “bancária” de transmissão das verdades absolutas por parte do docente no segundo, o docente fala com o discente, respeitando seus saberes e acordando situações, informações, para que novos saberes sejam construídos. Práticas docentes que desprezam os conhecimentos advindos das experiências dos sujeitos, tendem a suprimir elementos significantes ao processo de aprendizagem, por apresentar um caráter opressor.

Freire (2016, p. 187) esclarece um dos caracteres da ação antidialógica: a conquista. Segundo o autor, sujeito que conquista, tende a “matar nos homens a sua condição de “ad-miradores do mundo”, pois quando admira o mundo (sociedade), não conseguem enxergar os problemas existentes, tudo lhe parece absolutamente normal, como algo que não pode e não precisa ser modificado. Desse modo, o sujeito (oprimido) se ajusta e vive em conformidade com o que o opressor lhe apresenta. Freire (2016, p. 186-187) assegura:

A falsa “ad-miração” não pode conduzir a verdadeira práxis, pois que é pura expectativa das massas, que, pela conquista, os opressores buscam obter por todos os meios. Massas conquistadas, massas espectadoras, passivas, gregarizadas. Por tudo isso, massas alienadas.

Entretanto, um dos saberes necessários a prática pedagógica, expressos por Freire (2019, p. 74), salienta que “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”. O autor deixa claro que, não se pode estar neutro no mundo. Ao se propor estudar/ensinar sem compromisso com a realidade que se vive e ficar alheio ao que acontece ao redor, não condiz com o prescrito na Constituição Federativa de um país democrático.

Dado o exposto, busca-se esclarecer mais uma dimensão tradutora de um caráter antidialógico: a divisão, expressa por Freire (2016). Para libertação precisa haver união, pois, quando os homens se dividem são mais fáceis de serem vencidos/manipulados. Desse modo, prima-se um trabalho pedagógico realizado de forma colaborativa. Toda prática educativa precisa ser tratada na coletividade (na união), o que não se faz somente entre discentes e docentes, e sim, imprescindivelmente entre os demais autores educacionais, família e sociedade.

Freire (2016, p. 192) expressa a necessidade de um trabalho para e na totalidade e afirma que “heróis são exatamente os que ontem buscavam a união para a libertação e não os que, com o seu poder, pretendiam dividir para reinar”. Precisa-se estar junto, colaborando, pois,

A co-laboração, como característica da ação dialógica, que não pode dar-se a não ser entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação. O diálogo, que é sempre comunicação, funda a co-laboração (FREIRE, 2016, p. 228).

Colaborando, os indivíduos (discentes e docentes) comungam das ideias formuladas pelo grupo, na ação dialógica, o que não acontece na ação antidialógica em que manipulados, aos oprimidos não é dado o direito de colaborar. Essa manipulação é mais uma característica da ação antidialógica. (FREIRE, 2016).

A manipulação de acordo com Freire (2016, p. 198) nem sempre é vista em seu real característica, tendo em vista a determinação de pactos. “Pactos que poderiam dar a impressão, numa apreciação ingênua, de um diálogo entre elas”. Esses pactos, tal qual como a conquista, visam calar uma das partes (massa). Um dos exemplos que se pode mencionar, no contexto da sala de aula, são os “combinados” que inicialmente o professor preceitua, sem a ajuda do aluno e lança a turma. Desconsiderando o “querer” do aluno, o que ele considera importante para si e para os outros.

Ainda nessa perspectiva, mais uma característica da teoria da ação antidialógica aparece: a invasão cultural. Ao desrespeitar a potencialidade do aluno, ao inferir neles a ideia de que não tem capacidade de contribuir no processo de ensino, pois seu conhecimento não é importante, tampouco significativo, sua criatividade é freada e conduz a um prejuízo extremamente irreversível ao seu processo de aprendizagem, pois, para Freire (2019, p. 206) “a invasão cultural tem como condição básica, “o conhecimento por parte dos invadidos de sua inferioridade intrínseca”. Na sala de aula essa ação pode ser legitimada quando não se promove momentos de interação com a turma.

Finalmente, faz-se necessário o romper com a percepção de que a mudança do mundo irá acontecer fora da práxis. Na contemporaneidade, mais do que nunca, permeados por diversidade de saberes, não há como negligenciar o ato de dialogar. Contudo, não se pode esquecer que nenhum ser humano tem conhecimentos análogos. Utilizando da expressão, recorrente nas falas de Freire, a “boniteza” do conhecimento estar nas diversidades de saberes.

Saberes que são construídos a partir de experiências vividas individualmente, mas, que numa ação dialógica são problematizadas, reorganizadas e postas em prática com vistas a uma transformação social. Essa transformação implica na “boniteza”, da prática da liberdade, tão sonhada pelos oprimidos e inculcada por Freire em suas obras como um sonho possível a todos aqueles que se propõem a acreditar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Paulo Freire é muito extensa e transmite a ideia de educação que liberte o homem das amarras que o poder dominante estabelece. No entanto, não se refere apenas a opressão, como também e principalmente propõe a busca do próprio homem de libertar-se de seus comodismos, de seus medos e ver na educação essa possibilidade. Este artigo trouxe um recorte de suas duas grandes obras para responder o objetivo de identificar os benefícios da relação dialógica na prática docente, a partir das concepções apresentadas em duas obras freirianas, a *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* e a *Pedagogia do Oprimido*.

O fazer docente dito pelo autor, deve estimular a curiosidade de alunos e professores, em uma prática congruente com os aspectos sociais. A ação antidialógica, além de ferir os princípios democráticos da participação efetiva, descontinua a aprendizagem que só se faz, mediante o compartilhamento de saberes entre todos os envolvidos no processo.

Na obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* Freire (2019), delinea informações extremamente favoráveis a prática docente. Em seus três capítulos, o autor, lista saberes, sistematicamente nominados de “exigência” para ensinar, fundamentando-os na ética e no respeito, em favor da autonomia dos discentes. A relação dialógica entre discentes e docentes, que na ótica do autor, aparece como um diálogo político-pedagógico, permeia o despertar da consciência crítica de ambos, contrapondo-se, a submissão que outrora fora imputada, que de uma forma “disfarçada, ainda tende a debelar àqueles que criticamente se expõem, com a intenção de reivindicar melhores condições de vida para si e para outrem.

Na *Pedagogia do oprimido*, Freire (2016) esclarece a ação dialógica como elemento soberano para a prática educativa, qualquer que seja. Dialogando, os homens tornam-se livres para tomar consciência do mundo, refletirem sobre a realidade em que vivem, podendo construir e reconstruir sua história. Explana ainda, a ação antidialógica (repressora da palavra) como um regime de dominação do homem, que somente será retomada mediante a uma árdua luta do oprimido, essencialmente indispensável para o exercício da cidadania.

Por fim, a ação dialógica entre docentes e discentes, desenraiza definitivamente as práticas tradicionais que por anos, tolheram o direito de ser do indivíduo. Comungando os homens se libertam, como afirma Freire (2016), assim, a prática docente se faz no entremear de uma ação dialógica entre discentes e docentes que munidos de conhecimentos “de mundo”, os problematizam, construindo e reconstruindo novos saberes.

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992.